



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA (UEPB)

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA CLEONICE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO
ADOTADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ITAPORANGA -PB**

ITAPORANGA – PB

2014

MARIA CLEONICE LIMA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO
ADOTADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ITAPORANGA-PB

Monografia apresentada ao Curso de especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade do Estado da Paraíba, em convênio com a secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Ms. Gilbergues Santos Soares

ITAPORANGA- PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732c Lima, Maria Cleonice

A construção da identidade do negro no livro didático adotado nas escolas estaduais de Itaporanga – PB [manuscrito]: / Maria Cleonice Lima. - 2014.

22 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em fundamentos da Educação: Práticas ped. Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

“Orientação: Prof. Ms. Gilbergues Santos Soares, Departamento de História”.

1. Lei 10639/03. 2. Livro didático de história. 3. Educação Étnico racial. 1. Título.

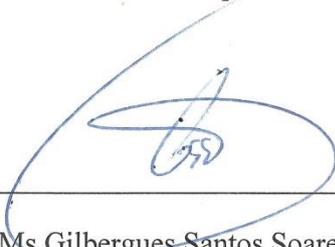
21. ed. CDD 379.26

MARIA CLEONICE LIMA

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO
ADOTADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE ITAPORANGA –PB.**

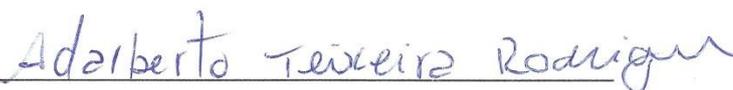
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26/04/2014.



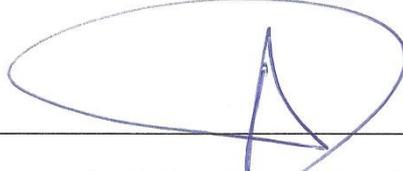
Prof.ª Ms Gilbergues-Santos Soares / UEPB

Orientador



Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues (UEPB)

Examinador



Prof. Ms. Alex da Silva (UEPB)

Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus pais por me darem a vida e ensinarem a vivê-la com dignidade, não bastaria um muito obrigado.

A vocês que iluminaram os meus caminhos obscuros, com afeto e dedicação para que eu trilhasse sem medo e cheia de esperança, não bastaria um muito obrigado.

A vocês que me encorajaram e me deram força durante o decorrer do curso.

A mim mesma por não desanimar diante das dificuldades encontradas.

Aos que fazem a Universidade do Estado da Paraíba, UEPB. Em especial, a todos que coordenam e orientam o curso de especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares.

AGRADECIMENTOS

A Deus nosso pai, por me ter concedido a força e a coragem através do dom do Espírito Santo para que eu pudesse desenvolver o meu trabalho o decorrer da caminhada realizada dentro da escola.

Ao professor Gilbergues Santos Soares pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

Aos professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Aldalberto Teixeira Rodrigues, Carla Maria Dantas de Oliveira, Ofélia Maria de Barros, Thiago Pereira da Silva e entre outros tantos que contribuíram ao longo do decorrer do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu sobrinho Ronoaldo de Araujo Lima por me auxiliar nos trabalhos e pesquisas realizadas ao longo do curso.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

O atual trabalho possui como objetivo analisar e discutir qualquer aparição do negro no livro didático de história adotado pelas Escolas Públicas do Município de Itaporanga-pb e se está de acordo com o que propõe a lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas. O objetivo é verificar se esta sendo seguido e respeitado o que a lei propõe.

PALAVRAS CHAVES: Lei 10639/ 03, Livro didático de História e Educação Étnico racial.

ABSTRACT

The current work aims to analyze and discuss any appearance of black in the history textbook adopted by the Municipality of Itaporanga-PB Public Schools and is in accordance with what the law proposes 10.639/03 amended by Law 11.645/08, which mandating the teaching of history and african-Brazilian and African culture in all schools. The goal is to verify if this is followed and respected what the bill proposes.

KEYWORDS : Law 10639/03, Textbook of History and Ethnic Education race.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. OBJETIVOS..... | 10 |
| 2.1. OBJETIVOS GERAL | 10 |
| 2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 11 |
| 3. JUSTIFICATIVA | 11 |
| 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 13 |
| 4.1. A Educação brasileira e etnia | 13 |
| 4.2. Relações étnico-raciais no Brasil..... | 15 |
| 4.3. Cultura afro-brasileira e africana..... | 16 |
| 4.4. OS Quilombos..... | 17 |
| 5. METODOLOGIA..... | 19 |
| 5.1. Análise dos dados: A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos negros..... | 19 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 21 |
| 7. REFERÊNCIAS..... | 22 |

1. INTRODUÇÃO

Ainda é muito forte em nosso imaginário a ideia de que o continente americano seja formado apenas por três grandes raças: a indígena (“dona da terra” pois aqui já habitava) e a negra trazida como mão-de-obra escrava. Esta é uma ideia reducionista que dificulta o entendimento de que esse extenso continente é de uma riqueza cultural singular, justamente por ser formado por uma multiplicidade de etnias.

A percepção do negro e de seu lugar na dinâmica social, no Brasil, foi influenciada em grande parte pela elaboração e crédito e teorias racistas. Elas criaram uma visão eminentemente depreciativa do negro, o que ainda, podemos perceber até os dias de hoje em alguns segmentos e contextos sociais. Mas, além disso, e do passado do negro, que explica sua posição social inferior atual, isso contribuiu para que ele passasse a ocupar os piores lugares no mercado de trabalho, as baixas remunerações entre outros aspectos vista para os afros descendentes. Portanto, a etnia negra marcou a contínua marcando decisivamente a sua própria história bem como a relação com outros grupos.

Essa nova orientação metodológica calcada no respeito às diferenças e na releitura dos estigmas comumente atribuídos aos negros. Deve partir para uma experiência de reflexões mais intencional, afirmando sua importância, sobretudo, como ser humano e de relações, distanciando-se do estigma de submissão e aculturação passiva. Hoje essa questão é muito debatida a condição do negro na atualidade especialmente na formação de políticas públicas, como é o caso da distribuição de cotas para os negros em Universidades e concursos públicos no Brasil.

Assim, cremos que muito além da pertinente discussão sobre a posição do negro na estrutura social, devemos partir para análises mais comprometidas com a desmistificação da ideia de que a desigualdade entre os negros e brancos no Brasil é natural e não socialmente construída, que o mito da democracia racial não foi instrumento importante na definição do ideal de homem brasileiro a ser recriado e que a má distribuição de renda e oportunidades representa reflexos de sua condição histórica de escravo.

Diante desse contexto se faz necessário que demonstremos que a concepção ocidental de pensamento nos dias atuais ainda continua através da complexidade de enunciações, conceituar o negro de forma cíclica e negativa nas relações, onde estética e

cultura negra se equalizam num conjunto marginalizado de signos ilegítimos ou falsos dentro dos cânones da cultura objetivada pelas classes que detém o poder. Pensando nisso, buscamos fazer uma análise dos livros didáticos adotados nas escolas estaduais da cidade de Itaporanga – pb com a finalidade de desbravar essas raízes preconceituosas que ainda persistem no meio social desta instituição, a escola como um todo é um lugar que forma opiniões e essa escola é também repleta de crueldade, uma crueldade com a diversidade que não é respeitada, onde há difusão de preconceitos e práticas racistas.

E com isto tirar alguns subsídios que nos proporcionassem respostas para responder as indagações de uma sociedade que busca a todo custo igualdade de liberdade de expressão. Assim, o livro didático foi pensado como sendo um referencial que nos desse o apoio substancial, que deveria contribuir positivamente no que diz respeito ao estímulo da cidadania, produzindo efeitos contra qualquer tipo de discriminação e preconceitos no contexto escolar ou fora dele.

Mas vimos que a coisa não é bem assim, pois os livros ainda trazem aquele contexto em que o negro é visto como um ser que através de seu trabalho escravo fez a base do sistema colonial e deixa de lado a verdadeira essência de uma cultura rica e diversificada que contribuiu e vigora nossa atual sociedade, de modo a torná-la pluricultural que deixa nosso país rico no tocante a mistura de ritmos e cores.

As escolas adotam currículos que encobrem e/ou mascaram os principais objetivos do ensino e aprendizagem. O currículo adotado é invisível, ele promove a transmissão de valores, de princípios de conduta e das normas de convívio, dos padrões socioculturais inerentes à vida comunitária, no entanto o faz de maneira informal e não explícita permitindo sempre uma afirmação positiva da identidade de um determinado grupo social em detrimento de outro (SILVA, 2001).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Analisar como vem sendo discutida a imagem no Negro nos livros didáticos de história adotados pelas Escolas Públicas do Município de Itaporanga-pb e se está de acordo com o que propõe a lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas.

2.2 Objetivos Específicos:

- Verificar como a Disciplina de História do Brasil trabalhada nas salas de aula para com os conteúdos eurocêntricos, discriminatórios e tendenciosos.
- Discutir teoricamente as propostas dos PCNS para as Diretrizes Curriculares Nacionais do ensino de História no contexto da educação básica;

3. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa tem como objetivo descrever uma breve abordagem da imagem do negro nos livros didáticos adotados nas escolas estaduais na cidade de Itaporanga -pb, e verificar se está de acordo com o que propõe a lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, que é trabalhar com as diversidades culturais nos ambientes escolares, visto que, se faz muito importante, uma vez que esses espaços exercem uma grande influência na formação dos sujeitos e da própria sociedade na qual estão inseridos.

Neste sentido se faz importantes discussões que viabilizem uma aproximação dos alunos com a cultura africana de forma a valorizar o negro na sociedade brasileira onde o racismo ainda é a forma mais clara de discriminação social, apesar de o brasileiro não admitirem seu preconceito a emoção das pessoas, o sentimento inferior delas é, que é racista.

Sabe-se que o brasileiro tem dificuldade em assumir o seu racismo devido ao progresso de convivência cordial que distorce o conflito. Devido a isso, por estar dissimulado é difícil ser combatido. A discriminação racial está espalhada pelo o Brasil nas escolas, principalmente apresentam um modelo branco de valorização. O acesso aos aspectos políticos, aos bens sociais, a produção de pensamento, a riqueza tem sido determinada pela lógica escravocrata.

A educação das relações étnico / raciais tem por objetivo divulgar e produzir conhecimentos, atitudes, posturas e valores que enfatizem a pluralidade étnico / racial e capacitar as crianças para interagir no sentido de respeitar as diferenças e valorizar as identidades. Tendo em vista população brasileira e sua evidente pluralidade, não se pode mais permitir que tantas crianças e jovens neguem sua identidade porque não conhecem

sua história. A escola brasileira precisa conhecer e vivenciar a diversidade de seus alunos, e, principalmente, permitir que a escola seja um instrumento de alfabetização além de instrumento de crescimento cultural e descoberta de experiências étnicas / raciais.

O fato é que o preconceito racial e a discriminação se proliferaram nas escolas, através de mecanismos ou funcionamento do ritual pedagógico entendido como a materialização da prática pedagógica, excluindo dos livros didáticos as Histórias de luta dos negros na sociedade brasileira, utilizando - se, em sua maioria, de dados negativos como negros sendo açoitados, negros sendo comercializados, passagens superficiais sobre quilombos etc. Dados sobre religião, as revoltas, comidas típicas etc., não são citados com a devida importância. Os problemas e deficiências podem ser vistos ainda nas questões curriculares.

As crianças reproduzem e recriam, por intermédio de suas experiências cotidianas na vida familiar e nas celebrações grupais, os valores que são passados de geração em geração. A educação brasileira diante disso tudo precisa, no contexto das salas de aula, partir da ideia de que o aluno é um ser social dotado de uma cultura que o define. Para tanto é preciso reconhecer a importância da afirmação da identidade, levando em consideração os valores culturais dos alunos e respeitando a história de seu grupo étnico/social.

Em março de 2003, a lei n ° 10.639/03, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece as diretrizes curriculares para a implementação da mesma. A 10.639 institui a obrigatoriedade do Ensino da História da África e dos Africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO - RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO - BRASILEIRA E AFRICANA, ANO 2005, p. 08)

Muitos livros ainda continuam negando a importância do negro dentro da nossa sociedade em muitos aspectos. O princípio constitucional da cidadania, os PCNs, a solidariedade visada pela LDB não vem sendo levada em consideração. Os negros continuam sendo colocados em situações de subalternidade, em ideologias racistas e estereótipos que ajudam a disseminar o preconceito.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. A Educação brasileira e etnia

A identidade de um povo se constrói basicamente em dois sentidos: primeiro, diferenciando-se do que lhe é exterior, isto é, dos outros povos ou nações; segundo definindo o que somos ou deveríamos ser. Desse modo ao longo da história do Brasil independente “firmaram-se várias noções de identidade nacional, de forma que não existisse uma identidade “autentica” ou verdadeira, mas diferentes elaborações produzidas pelos setores sociais”, inclusive o Estado (PRADO JUNIOR, 1995, p.94).

Para os intelectuais e as elites brasileiras, durante todo o século XIX o Brasil era uma nação em construção. Cabia, portanto, segundo Queiroz (1990, p. 45) historiadora especialista em escravidão negra, “não apenas explicá-la, mas avaliar os caminhos possíveis e desejáveis para definir este ou aquele rumo”.

A abolição da escravidão, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não imaginada: “a construção de uma nação e de uma identidade nacional” (CARVALHO, 1989 p.19) essa problemática está ligada ao surgimento de uma nova categoria social: os ex-escravizados negros.

A questão que se colocava era como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira, quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisa ou força animal de trabalho, ainda não havia mudado? Toda a preocupação da elite pensante do país apoiada nas ideias racistas da época, diz respeito a influencia negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira.

Em 1854 o decreto nº 1.331 legitimou a não admissão de escravos nas escolas públicas, mais adiante, em 1878 o decreto nº 7.031-A determinou que os negros só poderiam estudar a noite e ainda assim, vários mecanismos foram desenvolvidos a fim de, dificultar tal oportunidade de educação, se é que podemos chamar de oportunidade. Estabelecia-se, desde então, um divisor étnico-racial que se enraizou nos sistemas escolares e daí se dissipou para toda a sociedade brasileira.

Muitos anos depois se buscam alterar este quadro, a partir do mesmo veículo- a Educação, mas, infelizmente, até hoje esse sistema ainda se encontra tão arraigado a preconceitos e segregação que enfrentamos uma luta difícil, longa e dolorosa de combate ao preconceito e a desigualdade social. De acordo com Cavalleiro (2003, p. 98):

o reproduzir e disseminar ideologias e conceitos que desvalorizam o grupo negro, o sistema educacional garante às crianças e aos adolescentes negros um tipo de tratamento que dificulta e até mesmo chega a impedir a sua permanência na escola e/ou o seu sucesso escolar.

Segundo a mesma autora, a existência do racismo, do preconceito no cotidiano escolar acarreta aos indivíduos negros: auto rejeição ao seu outro igual racialmente, pouca participação na aula, dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, evasão escolar. E ainda de acordo com a autora, uma boa parcela dos profissionais da educação diz não perceber os conflitos entre os alunos e alunos e entre alunos e professores.

Nessa perspectiva, faz-se necessário, portanto, o reconhecimento desses conflitos e a criação de mecanismos que envolvam o maior número possível de agentes para combatê-lo no interior da escola e onde quer que a ação educativa dessa instituição alcance. Afinal, o difícil debate do reconhecimento das diferenças, precisa ganhar o espaço escolar, não reduzido a uma temática de projetos, mas como condição de luta contra todas as formas de preconceito e discriminação.

Vale evidenciar, mais uma vez, o importante papel dos livros didáticos e os professores para que cada vez mais busquem estratégias para socializar os conteúdos da história da África e a sociedade negra que vivem em nosso país de forma ainda marginalizada e deixada muitas vezes de lado de “fora” da nossa pátria. Fazendo isso nós professores estaremos lutando por uma efetiva garantia da educação como direito social a todos sem distinção de cor ou raça. Assim posto, os conteúdos relacionados à cultura e à história da África e dos negros brasileiros poderão atuar no sentido de expor as lacunas e as ideias que fundamentaram a ideologia de dominação racial. Assim sendo, a Lei 10639/03 pode constituir-se como uma ferramenta de luta contra ideológica, pois “o silêncio, ao ser falado, destrói o discurso que o silenciava” (CHAUI, 2001, p.25).

4.2.Relações étnico-raciais no Brasil

O termo foi resignificado pelo movimento negro que, em várias situações e utiliza com o sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É

importante, lembrar que o emprego do tema técnico, na expressão étnico-racial serve para marcar que essas relações tenham sido derivadas as diferenças na cor da pele e traços fisionômicos e são também a raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere uma visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena; europeia e asiática.

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de contribuição de identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos.

Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem eu não tenho preconceito, mas não gosto “ou” não é que eu seja preconceituoso (...) ninguém quer ser tachado de preconceituoso, pois essa palavra é pejorativa, equivalente a intolerância, superstição, julgamento antecipado, mas a segunda parte de cada frase revela que o negro já foi julgado e condenado sem apelação (BERND, ZILA, 1999, p. 09).

De acordo com Zila (1999), outro equívoco a ser discutido é enfrentar a afirmação de que os negros se discriminam-se entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do “branqueamento” que divulga a ideia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos. Cabe lembrar que, na pós-abolição, foram formuladas políticas que visavam ao branqueamento da população pela eliminação simbólica e material da presença dos negros.

Segundo Zila (1994), nesse sentido é possível que pessoas negras sejam influenciadas pela ideologia do branqueamento e, assim tentam reproduzir o preconceito do qual são vítimas. O racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam.

É importante esclarecer que o racismo, o mito da democracia racial e ideologia do branqueamento só atingem os negros. Enquanto processos estruturantes e constituintes da formação histórica e social brasileira, estes estão arraigados no imaginário social e atingem negros, brancos e outros grupos étnico-raciais.

Existe, porém, países onde a constituição não admite que nenhum cidadão seja excluído por sexo, cor e raça, assim pessoas do sexo feminino ou masculino de cor negra (...) são verdadeiramente discriminados (ZILA, 1994, p. 10).

Para combater o racismo e a discriminação elaborados nas relações étnicas raciais, o principal objetivo é fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos e a

consciência negra. Entre os negros poderão oferecer conhecimentos, e a segurança para orgulharem-se da sua origem africana para os brancos, poderá permitir que identifiquem as influências, a cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com outras pessoas.

4.3.Cultura afro-brasileira e africana

Além de contribuição do seu trabalho, os africanos marcaram profundamente a língua, a música a religiosidade, o modo de ser do povo brasileiro. A religiosidade brasileira tem marca de sincretismo da música entre o catolicismo e as religiões africanas. Os Santos católicos, ao se aproximarem dos deuses africanos, tornavam-se mais compreensíveis e familiares aos recém-convertidos. É difícil saber se essa tentativa contribuiu efetivamente para converter os africanos ou se ela os encorajou na utilização dos santos para dissimular suas verdadeiras crenças.

Os africanos que viveram para as Américas – em sua condição de escravos, embora mesmo no período colonial tivesse havido uma pequena imigração de africanos livres – provinham de diferentes povos que pertenciam a variadas culturas.

Desde a origem da formação do povo brasileiro que agregamos distintas origens étnicas que com o passar da história ampliou-se, dando ao nosso uma característica multicultural. “Cada etnia a nós agregada trouxe consigo valores, crenças costumes e práticas próprias dado ao povo brasileiro uma cara de multicultural” (RABAY; MELO, 2003 p. 13).

De acordo com Melo (2003), Um grande número de africanos e seus descendentes buscaram recriar as suas religiões de origem formando grupos para a prática religiosa dos rituais e para a transmissão das tradições. Estes grupos se autodenominaram “nações” e os nomes adotados se referem às étnicas, cujas culturas são predominantes entre eles. Tais criações foram mais bem sucedidas nos locais de maior concentração de escravos e seus descendentes.

4.4.OS Quilombos

Os quilombos representaram a consolidação material da resistência dos negros à escravidão. Eram aldeias ou comunidades onde moravam muitos negros

foragidos. Os portugueses detestavam os quilombos, porque serviam de abrigo para os negros fugitivos e incentivavam outros escravos a fugirem e também tinham medo, pois os negros se organizavam para libertar outros negros e alcançavam as grandes propriedades sem piedade e com muita violência. As pessoas que moravam nos quilombos eram conhecidas como quilombolas e viviam como antigas comunidades; tinham plantações, criavam alguns animais e caçavam para sobreviver. A maior autoridade nos quilombos era o líder ou rei, escolhido, por seus próprios méritos, por toda a comunidade.

Nestes distúrbios de pretos quilombolas, (que depois fugidos das fazendas formavam “quilombos” onde praticavam toda sorte de mal feitos) aglomerados no sítio chamado Cumbe, muitos de seus elementos eram provenientes do famoso Palmares que tanto trabalho deve as autoridades da colônia (MELO, 1988, p. 22).

O quilombo aparecia, assim, como aquele modo de resistência mais representativo e estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade repressiva, agiam menos ou mais ativamente contra ele.

Para Melo (1988), Dessa forma o centro organizacional do quilombo, embora houvesse outros tipos de manifestações de rebeldia também apresentavam como as guerrilhas e diversas outras formas de protestos individuais e coletivos – houve ainda outras manifestações baianas de 1835 em Salvador, que tanto pânico provocou entre as autoridades, forças militares e membros da população.

Igualmente deverá ser incluído no quilombo o bandeirismo dos escravos fugidos, os quais em grupos ou isoladamente atacavam povoados e estados. Em suma o quilombo era, por isto, a manifestação mais importante que expressava a contradição quilombola, mas nele podem ser englobadas todas as manifestações de resistência da parte do escravo. Neles se inclui não apenas negros fugitivos, mas também índios perseguidos, mulatos, curibocas, pessoas perseguidas pela polícia em geral, bandoleiro, devedores do fisco, fugitivos do serviço militar mulheres sem profissão, brancos, pobres, e prostitutas. Nacionalmente desde os primórdios da escravidão, atravessa todo o sistema escravista, desarticulando-o constantemente, e assume muitas vezes aspectos ameaçadores para a classe senhorial, como no caos da República dos palmares.

Houve resistência à escravidão na sociedade colonial, tanto durante o domínio português quanto sob o domínio holandês. A forma de resistência eram muitas (...). A fuga para os sertões significava a formação de comunidades negras independentes do domínio dos brancos. O período da dominação holandesa, em virtude da guerra e desorganização de lavoura, favorecia bastante o desenvolvimento dessas comunidades, chamado quilombos. Existiram muitos em todo o país, mas o de maior duração foi o famoso Quilombo dos Palmares em Alagoas (GONÇALVES, 1991, p. 48).

No Brasil, existiram quilombos em todas as regiões. O mais conhecido foi palmares, localizado em Alagoas, que surgiu da união de diversas aldeias que se formaram quando os holandeses invadiram nosso País.

Segundo Gonçalves (1991), Os negros aproveitaram a confusão para fugir e se refugiar. Palmares deu muita dor de cabeça aos portugueses, era muito organizado e fez muitas invasões nas grandes fazendas, muitas expedições militares foram enviadas para acabar com palmares, e todos foram derrotados. Acredita-se que palmares teve mais que vinte mil habitantes, por isso não era fácil vencê-los.

Os portugueses fizeram de tudo para destruir palmares. Fizeram um pacto de paz com Ganga Zumba, rei de palmares, mas era só fachada. O que eles queriam era mais tempo para se organizar para um grande e definitivo combate. Esse combate demorou quase um século para acontecer, mas ocorreu finalmente, em 1895, quando uma poderosa tropa armada, chefiada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, cercou e invadiu palmares que resistiu bravamente sob o comando de Zumbi, seu mais famoso e último rei. (GONÇALVES, 1991).

Os portugueses foram implacáveis. Quase todos os habitantes morreram, inclusive crianças e recém-nascidos, os poucos sobreviventes foram aprisionados e depois de duros castigos, voltaram ao trabalho escravo.

5.METODOLOGIA

Essa pesquisa se propõe a realizar um levantamento das fontes bibliográficas, bem como analisar os livros didáticos adotadas nas escolas estaduais da cidade de Itaporanga-pb, com a finalidade de que nos leve a entender o processo de construção da identidade do negro na sociedade.

Partindo do momento oportuno em que o preconceito está avançando no meio social, inclusive nos espetáculos coletivos como nos jogos de futebol, nas ruas, nas casas de festas e até mesmo nas residências quer seja de classe média ou não. Tendo em vista que hoje temos leis que dizem que todos somos iguais mas não vejo isso acontecer, então procuramos entender melhor de onde vem tantas discriminações.

Para isto se faz necessário analisar nada melhor do que os livros os quais as escolas adotam para se ver a questão de estudar a cultura e tradições que os negros trouxeram para nosso país e perpetuaram ao longo de nossa história até os dias atuais. Contudo foi possível compreender que os livros ainda não estão adequados com a Lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas. Pois estes trazem ainda uma visão eurocêntrica com relação ao papel do negro na sociedade atual.

5.1 Análise dos dados: A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos negros

O livro didático analisado trata-se de um material disponibilizado gratuitamente pela SEED (Secretaria Estadual de Educação) e está sendo utilizado atualmente para o ensino de História no ensino fundamental e médio das escolas públicas estaduais do município de Itaporanga - pb. Os livros analisados foram: o 8º ano de Silva Panazzo de ensino fundamental e do ensino médio de história geral de Gilberto Cotrim ambos da editora Saraiva.

O notado ao analisar os livros é que ainda se ver aquele contexto em que o negro é colocado apenas como base de sustentação da economia brasileira colonial e não está de acordo com o que propõe a lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas.

Diante deste contexto, podemos frisar que os preconceitos que assolam nossa sociedade partem do pressuposto de que a Educação inda não está equipada de acordo como manda a cartilha da LDB, pois visto que, as manifestações de preconceitos raciais ganham espaço nas partidas futebol mundo a fora, onde os jogadores são chamados de “macacos” bem como nos ambientes sociais que vão desde a própria escola até o convívio comunitário e porque não dentro das residências.

É importante considerar que os livros didáticos podem funcionar como instrumento de reprodução ideológica, mas também como veículos que possibilitem ao aluno o desenvolvimento de habilidades voltadas para a conscientização, reflexão e questionamento dos problemas da realidade social. Na perspectiva do ensino da História o livro didático de História tem cumprido a função de veicular a ideologia das classes dominantes e possibilitar a reprodução da ordem burguesa.

Muitos deles veiculam um conteúdo “factual”, fragmentado, em que inexiste a ideia de processo, estrutura e temporalidades que não sejam a curta, episódica. Neste sentido, podem ser vistos como um instrumento de degradação do ensino de História (não vilão). Vivemos numa sociedade de classes, o que significa que a história é feita, não pelas classes dominantes apenas, mas sim pelo embate material e ideológico que elas travam com as classes dominadas. Esta contradição permite que a realidade do ensino e, portanto, do livro didático não seja mero espelho dos interesses e visões das classes dominantes. Para tanto, o ambiente escolar é um local que exerce influência intelectual e cidadã sobre um indivíduo, vindo a afetar a formação da identidade dos alunos. Identidade a qual é definida pelos comportamentos, atitudes e costumes de um indivíduo e se modifica com a convivência entre sujeitos, ou seja, se constrói tendo o Outro como referência (GOMES, 1996). Por conseguinte, o fato de o tema da diversidade étnico-racial não ser abordado na sala de aula, acarreta na não valorização da pessoa negra pela sociedade, contribuindo para que os alunos negros percebam as suas diferenças como aspectos negativos.

O livro didático retrata de muitas formas a imagem do negro. Essas formas são apresentadas tanto através dos textos não / verbais quanto da linguagem verbal escrita. O grupo negro, na maioria das vezes, está representado como um problema social, sem vínculos afetivos, abandonados, esmolados ou praticando furtos. Todas essas representações têm um reflexo na identidade de uma criança:

A identidade da criança está, continuamente, em construção, podendo ser afetada por nosso meio social, ou seja, é formada ao longo do tempo e não algo inato, existente na consciência desde o momento do nascimento. Assim ela permanece sempre incompleta, está sempre sendo formada, numa interação entre o eu e a sociedade e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.” (WATTHIER, 2007, p. 3).

O livro didático, bem como outros textos não-verbais, promovem um processo de invisibilidade do negro e uma disparidade na representação do branco e do

negro. Essa invisibilidade faz com que o negro não se reconheça; faz com que se construa em torno dos sujeitos negros um “que” de inexistência e de folclórico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos dialogam extensamente com a sociedade, realidade observável quando refletimos acerca das irradiações de verdades e falsidades expressas nos mais diversos veículos de comunicação da sociedade, moldando o cotidiano e o imaginário social, alcançando até mesmo aqueles que não passaram pelo processo de educação formal, a escola. Para tanto, se faz a necessidade de se colocar em evidência e discussões dos grupos negros que forma socialmente inviabilizada no contexto de formação histórica brasileira.

A Lei 11.645/2008 – ensino da cultura africana e afro-brasileira - evidencia a tentativa de fazer, dos espaços de construção de saber pedagógico, locais de reconhecimento dos povos que constituíram a formação social brasileira, sendo também uma forma de política de reparação dos danos de uma sociedade elitista e racista.

Esse estudo buscou demonstrar como o livro didático tem se comportado mesmo após a formulação de uma lei que visou buscar a erradicação de estereótipos clássicos acerca da população negra no que tange textos e imagens.

Verificou-se que estes ainda não estão de acordo com estabelecido em lei, visto que os livros didáticos inspiram valores que colocam a cultura negra como a cultura de um povo escravo descendente, assimilando discursos ultrapassados e descontextualizados, dificultando, por conseguinte, que o país emergja enquanto nação de fato democrática. Esses contextos podem ser observados nos livros do 8º ano de Silva Panazzo e do ensino médio de história geral de Gilberto Cotrim ambos da editora Saraiva.

Nos livros analisados a pretensa dos autores em trazer a tona que alguns motivos pelo qual a nação não avança nos planos sociais e democráticos têm suas raízes nos planos políticos e econômicos, isto é, uma visão eurocêntrica. Em suma, concluímos que os livros didáticos precisam se adequar o mais rápido possível para que os saberes pedagógicos e culturais possam ser transmitidos de forma clara e parcial o máximo possível, uma vez que, vivemos em uma sociedade multicultural e racial. Portanto, seria necessário numa nação miscigenada como a nossa, ações que permitisse maior equidade para que se possa diminuir o abismo existente entre pessoas com etnias diferentes.

7.REFERÊNCIAS

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática. **História e Cultura Afro-Brasileira**. D.O.U. de 10.1.2003.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2003.

CHAUÍ, Marilena - C496. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. 9ª. São Paulo: Cortez, 2001.**

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. 1ª ed. Vol.3. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro - Brasileira e Africana, CNE / CP 3/2004, aprovado em 10/3/2004.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Difusão Bento Freitas – São Paulo, 1972.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza, 1996.

GONÇALVES, Luis Alberto Correia. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autentica, 1991.

MELLO, Mário, A república dos Palmares, **In: I Congresso Afro-Brasileiro**. Recife 1934. Novos Estudos Afro-brasileiros, Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1988.

Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>.

PANAZZO, Silvia. Jornadas. Hist. – História, 8º ano . 2ª Ed. – São Paulo: Saraiva, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. 17a. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

QUEIROZ, Eça de. **O negro na civilização brasileira**. São Paulo: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1982.

RABAY, Gloria. Melo, Heleina. **Gênero, raça e etnia**. João Pessoa. Editora Universitário/UFPB, 2003.

Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 49 jan.-abr. 2012.

SILVA, M. A "**Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial**" In: Cavalleiro (org.) *Racismo e anti-racismo na educação*. São Paulo: Summus, 2001.

WATTHIER, Luciane. **A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos**. Editora. Ano 2002.